

FESTA DO VAQUEIRO: práticas culturais e religiosas sertanejas nas cidades piauienses no século XXI

Samara Mendes Araújo Silva¹

RESUMO

A Festa do Vaqueiro, dia do novenário dedicado e organizado pelos vaqueiros, analisada a partir da ótica da cultura, denota a manifestação e a manutenção, além da (re) invenção, de práticas culturais e religiosas sertanejas nas cidades piauienses na contemporaneidade. Demonstrando, assim, que mesmo nos espaços urbanos persistem traços da cultura vaqueira, a qual delineou e definiu as conformações sócio-culturais e econômicas do Piauí ainda no século XVII. A festa é, ainda, momento de reencontro de gerações e de rememoração dos acontecimentos e histórias transcorridas na cidade, posto que as pessoas que migraram escolhem, em geral, este dia para retornarem a sua cidade natal. Esta análise, fundamenta-se em: produções históricas sobre cultura popular; observação e registro da ocorrência da festa nas cidades piauienses; e, relatos orais de organizadores da festa na cidade de Brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: práticas culturais; práticas religiosas; cultura vaqueira.

ABSTRACT

The Party of the Cattle tender, day of the novenário dedicated and organized by the cattle tenders, analyzed from the optics of the culture, denotes the manifestation and the maintenance, beyond (reverse speed) the invention, of practical cultural and religious sertanejas in the piauienses cities in the contemporaneidade. Demonstrating, thus, that exactly in the urban spaces traces of the cattle culture persist, which delineated and still defined the sociocultural and economic conformations of the Piauí in century XVII. Party is, still, moment of reencontro of generations and from rememoração of events and histories transcorridas in city, rank that the people who migraram choose, in general, this day to return its native city. This analysis, is based on: historical productions on popular culture; comment and register of the occurrence of the party in the piauienses cities; e, verbal stories of organizadores of the party in the city of Brazilian.

WORD-KEY: practical cultural; practical religious; cattle culture.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Festa do Vaqueiro, dia do novenário dedicado e organizado pelos vaqueiros, analisada a partir da ótica da cultura, denota a manifestação e a manutenção, além da (re)invenção, de práticas culturais e religiosas sertanejas nas cidades piauienses na

¹ Graduada em História (UESPI) Teologia e Comunicação Social – Jornalismo (UFPI). Especialista em Historia Sociocultural (UFPI). Mestre em Educação (UFPI) e Doutorando em Educação Brasileira (UFC). Professora do Curso de História da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) – Campus Poeta Torquato Neto e da Secretaria Estadual da Educação e Cultura do Piauí (SEDUC-PI).

contemporaneidade. Demonstrando, assim, que mesmo nos espaços urbanos piauienses persistem traços da cultura vaqueira, a qual delineou e definiu as conformações sócio-culturais e econômicas do Piauí ainda no século XVII.

Outro significado que podemos atribuir a esta data festiva, é a expressão do momento de reencontro familiar e rememoração dos acontecimentos e histórias transcorridas na cidade, posto que as pessoas que migraram para outros lugares e os integrantes das ramificações das diversas famílias escolhem, em geral, o dia da festa do vaqueiro para retornarem a sua cidade natal; acontecendo, desta forma o encontro de gerações e a troca de experiências entre familiares, agregados e conhecidos.

Então, para produzir esta análise de uma das mais típicas manifestações culturais do Piauí, nos apoiamos nas produções históricas sobre cultura, especialmente as que abordam a temática da cultura popular; observamos e registramos a ocorrência da referida festa nas cidades piauienses durante os festejos da padroeira, e coletamos de relatos orais de organizadores da festa na cidade de Brasileira, onde a festa acontece desde 1965

2. A CULTURA VAQUEIRA

A História da colonização e formação do espaço social e geográfico do Piauí não pode ser compreendida se alijarmos desta narrativa histórica a figura social do Vaqueiro. Posto que, é através da atividade de lida com o gado que se desdobra, desenrola e se consolida o Piauí. Ou melhor, dizendo é na trilha aberta pelo **gado vacum** (seja ele proveniente da Bahia, Pernambuco ou Ceará) e no rastro dos cavalos de vaqueiros e curraleiros que conquistam as terras dos **Sertões de Dentro** exterminando e/ou expulsando as populações nativas (processo ocorrido ao longo dos séculos XVII e XVIII), que nasce e defini-se o lugar que hoje nomeamos de Piauí.

Em 1758 o Piauí obtém sua autonomia político-administrativa por meio do Decreto Régio de Criação da Capitania de São José do Piauí consolidando legalmente o lugar que na prática existia há mais de um século e sobrevivia da exportação do gado, couro e do charque para a zona litorânea.

E, mesmo após o período o fim do período áureo do gado, por volta de inícios do século XIX, a estrutura sócio-econômica piauiense permaneceu marcada e definida por praticas e costumes rurais, sertanejos, nesta realidade, “pode-se dizer que o Piauí era uma grande fazenda de gado com uma população dispersa pelo interior, ligada pelos caminhos de

gado, [...]” (DIAS, 2002, p. 78) e assim permaneceu até a década de 1970 quando ocorreu o aumento do êxodo rural e a população urbana tornou-se progressivamente maior que a rural.

Neste contexto e organização da vida rural se encontram e convivem vários atores sociais, dentre os quais destacamos:

- os **fazendeiros**: proprietários de terras e gado e tidos como pessoas ricas, ou no dizer do piauiense: “pessoas de posses”, e que por conta de sua posição econômica acaba por amealhar posição política e, em geral, constituem-se também em “coronéis políticos”;
- os **agregados**: pessoas que vivem sob a proteção e dependência econômica e política dos fazendeiros, sobrevivem fazendo pequenos serviços e mandados dentro e fora do espaço da fazenda. É neste grupo de pessoas que encontra-se os capangas (jagunços) que formavam grupos para-militares sob as ordens dos fazendeiros;
- os **posseiros**: “pequenos proprietários de terra” mas que não possuem o título de posse das terras que cultivam e vivem, não é raro que em diversas ocasiões, tenham buscado a proteção dos fazendeiros;
- os **vaqueiros**: era uma espécie de administrador da fazenda, se responsabilizava pelo trabalho de cuidar do gado e das roças existentes na propriedade

O trabalhador livre das fazendas do Piauí era geralmente o vaqueiro – categoria de fundamental importância na organização social. Não sendo assalariado, era uma espécie de sócio do proprietário, parceiro da produção. O vaqueiro tinha direito a um bezerro de cada quatro crias, sistema conhecido como “quarta”, o que lhe possibilitava a acumulação de alguns bens e a se tornar sitiante ou mesmo fazendeiro. Não era um trabalhador comum e o “status” de vaqueiro atraía a todos; “ a maior felicidade consistia em merecer algum dia o nome de vaqueiro.” (DIAS, 2002, p.77)

Nesta breve síntese da formação sócio-histórica do Piauí, podemos perceber a relevância e status social e econômico da figura do Vaqueiro, tanto que todos aqueles indivíduos, que não nasceram ou eram herdeiros diretos das famílias mais abastadas, almejavam se tornar vaqueiro e poder “crescer na vida”, ou seja, obter ascensão social e econômica. Tal aspiração pode ser ratificada pelas palavras do atual Governador do Estado, Wellington Dias, filho de família humilde e nascido no interior do Estado, afirmou em diversas ocasiões que era seu “sonho quando menino se tornar vaqueiro”.

Outra situação que exemplifica a relevância e deferência que a posição de vaqueiro assume em nossa sociedade, foi o fato de em certa cidade do Estado, em determinada pleito

eleitoral um dos candidatos ter baseado toda a sua campanha no fato de “ser uma pessoa de confiança e responsabilidade, pois era um vaqueiro. E que tendo merecido a confiança de seu patrão por toda uma vida, também deveria merecer a confiança do eleitor”; e como este discurso durante a campanha conseguiu obter a votação necessária para obter o cargo pretendido.

Por isto, mesmo o Piauí deixando de ser uma sociedade rural, progressivamente, durante as últimas décadas do século XX, e, mesmo tendo grande parte de sua população, atualmente, residindo em áreas urbanas, as marcas das práticas culturais e religiosas sertanejas sobrevivem e se redefinem nas cidades piauienses neste início de século XXI, pois é “a cultura vaqueira permanece e predomina, porque é esta que se arraiga e norteia os meios de produção e o destino político” (VILHENA FILHO, 2003, p. 268) das áreas urbanas piauienses.

Em outras palavras, nossas práticas culturais e comportamentos sociais ainda são pautados nos valores e características emanadas e formatadas num passado rural recente que é (re) valorizado e (res)significado constantemente, seja porque o Piauí permanece tendo a sua economia baseada fortemente em atividades primárias e de subsistência ligadas à agropecuária, seja porque os comportamentos públicos e privados valorizados e difundidos em e por nossas famílias sejam pautados nos preceitos de valorização da linhagem sanguínea, heranças e (super) proteção familiar. Ou ainda, resida nas práticas políticas e administrativas em que se regem e se repetem o absenteísmo dos chefes políticos, a manutenção dos currais eleitorais, o patrimonialismo e o descaso e (in)gerência da “coisa pública”.

O certo é que a cultura vaqueira está firmemente incrustada e presente na sociedade como marca definidora da cultura popular piauiense. Fazemos tal afirmação por entendermos e consideramos como

cultura popular, o fazer o saber e o sentir do povo simples, que na sua cotidianidade, vem por meio da fala, dos gestos, das atitudes, dos hábitos e costumes, manifestando seus valores materiais e espirituais, herdados dos antepassados e preservados pelos grupos que vão se reproduzindo, incentivados a manter vivas suas memórias e suas histórias. (NUNES, 2003, p. 87)

Sendo assim, sob o termo cultura vaqueira sintetizamos um conjunto de práticas e costumes usual do ser humano sertanejo que vive nas áreas de pecuária extensiva do interior nordestino e que tem na área geográfica e social do Piauí, um espaço histórico-político ímpar da representatividade sociocultural deste sujeito histórico: o **vaqueiro**.

É o vaqueiro, o homem do campo. [...]. É o valente, é o homem popular, guerreiro que enfrenta as intempérias, que assola a seca, os inverneiros, os atoleiros. Tá lá no campo criando, proliferando, salvando vida e dando carne de boa qualidade, leite de boa qualidade, o queijo, enfim, contribuindo com o desenvolvimento de nosso

município e uma fonte de renda também [...]. Enfrentar uma vida muito árdua, com muita dificuldade.(ARAÚJO, 2008, p. 04)

3. FESTA DO VAQUEIRO NA CIDADE DE BRASILEIRA (PI): a presença da cultura sertaneja nos espaços urbanos piauienses contemporâneos

A Festa do Vaqueiro acontece, em geral, penúltimo dia do novenário dedicado ao santo padroeiro nas cidades piauienses, todas as atividades (incluindo-se aí as religiosas e as não-religiosas) que transcorrem neste dia nos festejos são organizadas pelos vaqueiros.

Em Brasileira (PI), cidade que fica na região Norte do Estado, a festa do Vaqueiro, conforme os relatos orais dos atuais organizadores, começou a ser realizada no ano de 1965 com a finalidade de arrecadar recursos para a construção da Igreja de Nossa Senhora da Conceição (a padroeira da cidade), tendo como organizadores um grupo de criadores de gado da região os quais, também, exerciam a atividade de vaqueiro e eram, ainda, co-fundadores da cidade. Entre os primeiros organizadores da festa, estão: Gil de Sousa Meneses, Raimundo Croata, Cândido Mendes, Deoclécio Mendes, Aduino Mendes, Jovelino Costa.

Mas é a partir de 1972 que a festa começou a atrair mais gente tanto da própria cidade como de outras cidades próximas, aumentando significativamente o número de vaqueiros presentes na Passeata de abertura da festa, tanto que a festa passa a contar com vaqueiros vindos de Piracuruca, Piripiri, Batalha cidades próximas à Brasileira, e até mesmo de cidades mais distantes.

Esta ascensão da festa coincide com o período em que os fundadores se afastam da organização do evento e os filhos e netos destes assumem a tarefa de organizar a festa. Neste segundo grupo de organizadores figuram nomes como: Braulino Mendes da Costa (conhecido como Brau e filho de Jovelino), Deusdete Mendes (filho de Pedro Nelson de Meneses), José Lopes da Silva, José Gonçalves, Valdemar Pereira Araújo (conhecido como Valdemar Novo e filho de Gil Meneses).

Para a população das cidades piauienses, este dia de festa, conforme a tradição piauiense é uma forma de relembrar a figura social símbolo do Piauí: o **vaqueiro**. Bem como os ensinamentos e práticas deste sujeito histórico, podemos ver isto refletido na fala de Cleiton Araújo (um dos organizadores da festa atualmente) ao dizer o que representa o Vaqueiro para a cidade de Brasileira.

Ele acorda de manhã cedo, três horas da manhã. Muitas das vezes sai com a muchilata, que nós chamamos aqui, é uma carne assada batida no pilão com farinha, é o que ele leva pra comer três, quatro horas da tarde e consegue retornar em casa sete horas da noite. As vezes a mulher com a reca de filho. As autoridades constituída, muitas vezes não dão condições pro homem do campo trabalhar, se desenvolver, ampliar, realizar seus sonhos.

Que sonhos devem ser realizados?

Mas o homem do campo até certo ponto, há esquecimento a essa tradição, dessa festa, da forma de a gente homenagear o homem do campo, isso de uma certa forma tá incomodando as autoridades também. Passaram a ver o homem do campo com outros olhos, porque nós passamos a enfatizar os valores morais que o homem do campo repassa pra gente.

Primeiro lugar, Coragem de trabalhar! Trabalho, viver com dignidade esse teu trabalho. Não importa o trabalho que você faça. É muito melhor você trabalhar, lutar, é defender o pão de cada dia com honestidade do que fazer o que muitos outros fazem nos grandes centros que é assaltar, roubar e o ..., o pai de família, o lavrador são pessoas simples, humildes, mas até hoje não conheço um homem do campo desonesto. Todos são pessoas idôneas, pessoas honestas, pessoas íntegras e pra mim, eu digo sempre. A gente não avalia o ser humano não é pelos valores materiais que ele tem, a gente avalia o ser humano, pelo caráter que ele tem e acredito eu, como todos os filhos de criadores e vaqueiros, se sente honrados, feliz da vida pelo pai que tivemos.

Nós sabemos que no mundo tem pessoas que não aceitam ser do jeito que são, não aceitam a família que tem, mas eu não sei se é porque a gente é criado na simplicidade, criado na humildade. Tudo que Deus dá pra gente, a gente só tem a agradecer. E essa ..., dessa forma que a gente vai vivendo; feliz, em harmonia, em comunidade, vivendo em parcerias, compartilhando, dividindo o pão e uma das coisas que hoje no mundo de hoje, nesse mundo egoísta de consumismo, esses valores morais tão se perdendo.

Ainda no homem do campo existe aquele que a palavra chamada respeito, consideração, essa palavra que a gente chama atenção aos filhos, aos pais. Hoje, na modernidade, há filhos que dizem “isso é cafonice, qual é, cara?”. Tomar a bênção, ter respeito aos mais velhos e o homem do campo é aquilo que ele teve. O que ele recebeu do pai dele foi aquela orientação, então da melhor forma, da melhor maneira possível ele repassou para os filhos. Então cada um assimilava, entendendo sua arte, eu acho que todo mundo tem algo a dar, tem algo a oferecer, principalmente, quando você se volta por lado humano. (ARAÚJO, 2008, p. 04-05)

Bem, a Festa do Vaqueiro se compõe de sete momentos distintos e subseqüentes e que preenchem todo o dia com atividades religiosas e não religiosas, são eles: café da manhã, passeata/desfile dos vaqueiros pela cidade, bênção dos vaqueiros e animais, missa dos vaqueiros na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, almoço, festa, leilão.

A Festa se inicia às nove horas da manhã, com um café da manhã que acontece, via de regra, a cada ano na residência de um vaqueiro diferente como forma de homenagear os vaqueiros mais antigos da cidade de Brasileira.

O café é como se fosse uma espécie de concentração e preparação dos vaqueiros para o dia de festividades e homenagens.

Aí, depois do café a gente monta nas montarias às nove horas, a gente sai em passeata, em desfile, perfilados dois a dois atrás do carro de som, ouvindo música de Galego Aboiador, de Amado Batista, Amado Edilson, enfim de muitos violeiros que fazem entoada de vaquejada, né!

Isso são coisas saudosas, ditas em versos e prosas e pro vaqueiro, gosta muito disto. Então ele chegando aqui a gente faz a bênção dos animais de frente a Igreja Matriz. Asperge água benta em todos os animais, pedindo proteção divina e logo depois nós adentramos a..., ao templo de oração, a Casa do Senhor, nós vamos ouvir a palavra proferida de fé pelo sacerdote.

Após a Santa Eucaristia, nós saímos, trazemos as nossas montarias para cá (neste momento o entrevistado indica o local onde está sendo realizada a entrevista, o

Colégio Gil Meneses) amarramos na sombra, banhamos muitas vezes, damos água aos nossos cavalos.

Eu peço para não machucar os cavalos com as esporas e nem bater, nem andar correndo no meio Eu procuro fazer um trabalho de sensibilidade, que eles não façam mal aos nossos animais porque eles são as nossas ferramentas de trabalho e eles me obedecem, graças a Deus!

[...]

E após chegar aqui tem o almoço. Esse cozidão é servido pra eles. Após o cozidão, retornamos pra churrascaria “Recanto Natural” e lá tem uma banda já contratada, já paga o contrato pra tocar das treze até as dezenove horas pra eles.

Quando dar quatro hora da tarde que tá todo mundo com a cervejinha na cabeça aqui, a gente faz um ..., um ..., eu pego o microfone e faço uma proposta: quem quer doar um boi, um garrote?, quem quer doar um burrego, um caprino, um bode, quem quer doar um carneirinho, uma leitoa?

Aí eles se aproximam de mim, ali na mesa do leilão, ali em pé e a gente anota. O Eurico do Raimundo Gomes faz as anotações. A gente levanta a jóia lá, pára o trânsito, pára todo mundo, fica lá parado, aí a gente levanta e arrematamos lá, né!

E os convidados, os deputados, o prefeito, as autoridades constituídas do município, as vezes até do Estado que comparecem na festa nossa, então eles alavancam um lance mais alto, né! Uma forma de a gente arrecadar mais dinheiro pra dá pra Igreja atender as pessoas mais carentes.

Então a festa graças a Deus nesses de 65 pra cá, o vaqueiro só perdeu uma vez e por ironia do destino, não sei porque, porque eu não estava presente. (neste instante o entrevistado sorrir bastante). Eu tive que ir a Brasília, nessa época eu era vereador, representante daqui da minha cidade, eu tava num congresso e outras pessoas que coordenaram, aí num tiveram assim a cautela, o carinho de saber pedir, que é muito importante saber pedir e não obtivemos êxito, perdemos pro aposentado. Naquela época quem ganhou foi os aposentados, mas os outros anos todos nós ganhamos em primeiro lugar na disputa de renda, né! Das noites, como notários, nós somos o primeiro lugar. Geralmente, ganhamos até o dobro do segundo colocado, uma vez.(ARAÚJO, 2008, p.08-09)

Durante todo o dia a cidade vivencia uma movimentação atípica, pois as pessoas, mesmo aquelas que não possuem nenhum vínculo laboral ou emocional com vaqueiros se envolvem com algumas das atividades da Festa. Nem que seja saindo à porta de suas residências para saudar os vaqueiros e os cavalos que desfilam perfilados e devidamente paramentados, ou ainda, algumas crianças e mulheres pegando carona na garupa dos vaqueiros. Outras participam dos momentos religiosos que acontecem durante a festa (bênção e missa). Outros apenas da parte social, como os moradores da cidade costumam chamar o almoço e a festa.

O interessante de se notar, ao se observar esta festa, é que mesmo aqueles que não têm relações mais profundas com a atividade laboral dos vaqueiros se integram à “rotina” da festa, trajando peças feitas de couro, comuns ao vestuário do vaqueiro (chapéu, botas, gibão, etc.) ou, então, partilhando conversas e experiências do cotidiano deste sujeito histórico social.

Outro fato bem chamativo em relação a festa é que as pessoas que residem fora daquela localidade, escolhem, em geral, o dia da festa do vaqueiro para retornarem a sua cidade e reencontrarem seus familiares e restabelecer seus vínculos com a cidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma podemos afirmar que a Festa do Vaqueiro, analisada a partir da ótica da cultura, denota a manifestação e a manutenção, além da (re)invenção, de práticas culturais e religiosas sertanejas nas cidades piauienses na contemporaneidade, bem como oferece a oportunidade para o encontro de gerações e a troca de experiências entre familiares, agregados e conhecidos nas cidades do Piauí..

5. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Cleiton Meneses. **Entrevista concedida à Samara Mendes Araújo Silva** em 06 de dezembro de 2008, no pátio da Unidade Escolar Municipal Gil Meneses, na cidade de Brasileira (PI).

DIAS, Claudete Maria Miranda. **Balaios e bem-te-vis: a guerrilha sertaneja**. 2 ed. Teresina(PI): Instituto Dom Barreto, 2002.

NUNES, Maria Cecília Silva de Almeida. Revisitando a cultura popular no Piauí: marcas do passado nas manifestações do presente. IN: SANTANA, R.N. Monteiro de (org.) **Apontamentos para a História Cultural do Piauí**. Teresina (PI): FUNDAPI, 2003. p. 87-94.

VILHENA FILHO, Paulo Henrique Gonçalves de. Em busca de uma identidade cultural teresinense. IN: SANTANA, R.N. Monteiro de (org.) **Apontamentos para a História Cultural do Piauí**. Teresina (PI): FUNDAPI, 2003. p. 265-274.